



O ritual mercedário do frei João da Veiga e a prática litúrgico-musical dos mercedários do convento do Pará: estado da arte

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO ROTAS MUSICAIS: A HISTÓRIA DA MÚSICA NO BRASIL, EM PORTUGAL E ALÉM

André Gaby
UFPA/UNESP - agaby@ufpa.br

Paulo Castagna
UNESP – castagna@pq.cnpq.br

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de expor o estado da arte da pesquisa sobre o Ritual Mercedário publicado em Portugal, em 1780, para uso dos frades paraenses. O documento foi apresentado pela primeira vez em 1995 pelo pesquisador Vicente Salles, que o adquiriu de um alfarrabista em Lisboa. Em 2015 a pesquisa foi retomada e outras fontes primárias encontradas em acervos da Espanha e Portugal; tais documentos foram apresentados em um capítulo do livro *Arqueologia Musical Amazônica*, prestes a ser publicado.

Palavras-chave: Cantochão. Música colonial brasileira. Mercedários. Pará.

The João da Veiga's Mercedarian Ritual and the Liturgical-Musical Practice of the Mercedarians from the Convent of Pará: State of Art.

Abstract: This work aims to expose the state of art of the research about the Mercedarian Ritual published in Portugal, in 1780, for use by the Friars of Pará. The document was first presented in 1995 by the researcher Vicente Salles, who acquired it from an antiquarian book dealer in Lisbon. In 2015 the research was resumed and others primaries sources were found in collections from Spain and Portugal; such documents was presented in a chapter of the book *Amazonian Musical Archeology*, about to be published.

Keywords: Plainchant. Brazilian Colonial Music. Mercedarians. State of Pará.

1. Introdução

Há cerca de 22 anos, Vicente Salles escreveu um artigo intitulado “Música Sacra em Belém do Grão-Pará no século XVIII – o cantochão dos mercedários compilado por Frei João da Veiga”. Nele, relatava entusiasticamente a aquisição do volume *Ritual da Sagrada, Real e Militar Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria das Mercês, para a Redenção dos Cativos, para o uso dos Frades da mesma Ordem residentes na Congregação do Grão-Pará, por mandado do Reverendo Padre Pregador Frei João da Veiga, elaborado e editado pelo comendador da mesma Ordem na cidade paraense:*

Ostenta carimbo da Biblioteca Real e foi adquirido em Lisboa do alfarrabista J. A. Telles da Sylva pela importância de US\$ 1.500. (...) É um volume de 495 páginas, encadernação inteira de pele (moderna), com ferros gravados a ouro, com restaurados, tendo algumas letras manuscritas. Toda a composição gráfica é em caracteres romanos, impressos a vermelho e preto. Nele estão gravados nada menos de 83 documentos musicais ilustrativos do que se cantava nas principais festas realizadas no Grão-Pará pela Sagrada e Real Ordem Militar de N. S. das Mercês. Consta esse documentário basicamente de antífonas, hinos, lamentações, responsórios, litanias

ou ladainhas, excluídas partes das missas, vésperas, completas e novenários (SALLES, 1995, p. 5).

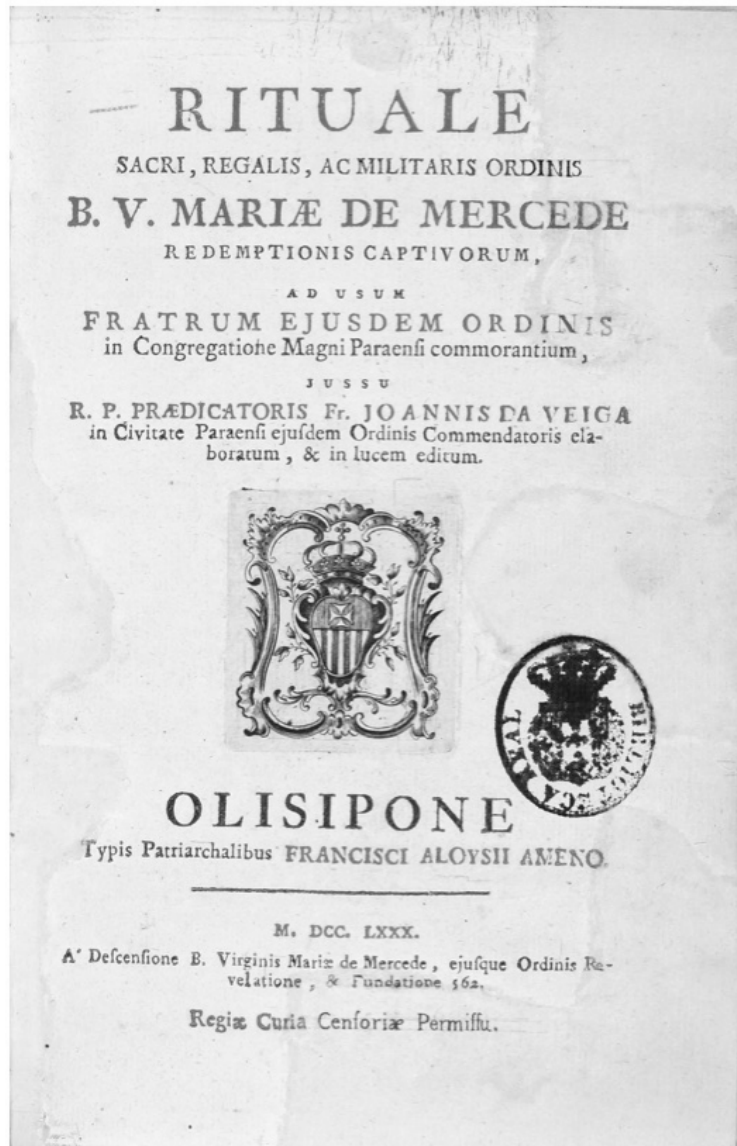


Fig. 1: Capa do Ritual Mercedário. Acervo pessoal de Marena Salles.

Sugerindo ser um volume raríssimo, SALLES (1995) levantava uma série de questões sobre a relação deste documento com a história da prática musical destes religiosos no Pará durante o período colonial: (1) a existência de “notável coro” no convento mercedário de Belém e de “excelente música” cantada, acompanhada por órgão; (2) a grande difusão das devoções mercedárias, tais como as de São Raimundo Nonato e São Pedro Nolasco, e do repertório a elas correlato, bem como o fato de suas práticas musicais compreenderem também as festas do calendário litúrgico da Quaresma, da Páscoa, *Corpus Christi*, da Natividade e outras; (3) até aquele momento, ter apurado poucas informações sobre quem fora João da Veiga, salvo suas funções de comendador e pregador do convento, e de descrição

contida em carta do jornalista Filipe Patroni a Salvador Rodrigues do Couto, revelando que “era paraense (...): O Grande Veiga, Religioso Mercedário e consumado Filósofo, (...) músico cantochanista de excepcionável competência”; (4) a procedência dos religiosos, oriundos de Quito, relacionada à constatação da possibilidade de se estender o estudo musicológico ao espaço colonial espanhol na América, integrado à Amazônia brasileira na ação dos missionários das Mercês; (5) a existência de “verdadeiro espetáculo público” nos serviços religiosos dos mercedários, “com recitações e cânticos que contavam a história da libertação dos cativos, resgatados aos mouros pelos patronos Pedro Nolasco e Raimundo Nonato”; (6) que “o musicólogo José Claver Filho interessou-se por **esta** parte do *Rituale* de João da Veiga, identificando a forte influência ibérica” e que “é até hoje carente de cuidadoso exame” “a importância do cantochão ibérico na construção do folclore nacional amazônico” (SALLES, 1995, p. 7-8, grifo nosso); (7) que apesar do repertório vir “da Europa na bagagem dos missionários”, “tudo foi **recolhido** (e recompilado) no Pará”, sendo possível, portanto, “admitir alguma contribuição local de compositores anônimos, talvez do próprio João da Veiga, entre outros, assim como **modificações** determinadas por esse tipo de transmissão, essencialmente oral”, cabendo “numa segunda instância examinar e confrontar este rico repertório com as matrizes europeias, os muito antifonários compilados em diferentes épocas” (SALLES, 1995, p. 8). No artigo em questão, SALLES também relatou que a morte prematura do musicólogo que lhe auxiliava impediu a continuidade da pesquisa, e que, mesmo tendo havido uma comunicação de tal pesquisa no Simpósio Latino Americano de Musicologia, em 1999, esta aparentemente não teve continuidade.

Em 2015, através do acesso ao fac-símile integral do documento e de contemplação com bolsa de pesquisa Santander, pude retomar às investigações em torno do *Rituale*. Coletei na Biblioteca Nacional de Espanha (Madri), Biblioteca do Monastério Mercedário de Poio (Galícia), Arquivo Geral da Coroa de Aragão (Barcelona), Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo da Torre do Tombo (Lisboa), Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), grande quantidade de fontes dos mais variados tipos: exclusivamente litúrgicas, litúrgico-musicais, artigos sobre a história da ordem no Pará, cartas escritas entre o convento do Pará e outros locais, atas de capítulos, inventários, listas de frades, o documento de solicitação de impressão do *Rituale* à mesa censora real, entre outros. Em artigo escrito para o livro “Arqueologia Musical Amazônica”, expus alguns destes documentos, que nos suscitaram o seguinte problema de pesquisa: existe uma lacuna imensa entre os testemunhos das práticas litúrgico-musicais mercedárias em fontes primárias de meados do século XVII (PLACER, 1982, p. 196-198) e a publicação do *Rituale*, em 1780, então, se a publicação de um livro específico para uso dos frades do Pará não foi necessária durante mais de um século,

quais foram as motivações que conduziram João da Veiga a compilá-lo? Os mercedários do Pará chegaram a utilizar o volume, visto que foram efetivamente expulsos do Pará em junho de 1794? (PLACER, 1982, p. 223).

Para buscar respostas ao problema proposto, tracei alguns objetivos de pesquisa que partem dos questionamentos de SALLES (1995) acerca do documento, mas que todavia estão em constante revisão à medida que novas fontes são encontradas:

1. Compreender como a história da presença mercedária no Pará se relaciona com sua prática litúrgico-musical testemunhada pela compilação de Veiga, principalmente o turvo processo de expulsão da ordem, temporalmente concomitante à publicação do volume;

2. Compreender as relações entre os diversos livros e manuais de canto litúrgico em voga à época: os que surgiram no âmbito da reforma tridentina que estão listados em Gaby (2019, p. 47-51), os mercedários publicados na Espanha, também elencados em Gaby (2019, p. 43-44), e outros livros litúrgicos publicados na península ibérica (como por exemplo o *Theatro Ecclesiástico*), ou América Latina (principalmente Quito, de onde vieram os mercedários do Pará e Maranhão) e que foram trazidos ao Brasil para uso por ordens religiosas ou dioceses;

3. Compreender a personalidade de João da Veiga, compilador do volume, para lançar luz às suas prováveis intenções, levantadas anteriormente como um problema de pesquisa. Serve a este objetivo a análise das cartas trocadas entre ele e seus superiores (recolhidas em 2015);

4. Estabelecer conexões entre os documentos textuais escritos no convento e entre as casas e superiores da ordem (ou seja, os registros escritos das ações dos frades) e a atividade litúrgico-musical prática, testemunhada pela compilação de Veiga;

5. Refletir sobre o teor dos documentos textuais (recolhidos em 2015) trocados com outros atores (coroa, outras ordens religiosas, diocese, etc.), de modo que extraíamos pistas sobre a atividade litúrgico-musical prática, testemunhada pela compilação de Veiga.

2. O estado da arte

2.1. História dos mercedários no Pará

Diversos autores relatam o estabelecimento desta ordem religiosa no Pará e Maranhão (BARATA, 1973; CASTRO, 1968; COUTINHO, 1998; FERRAZ, 2000; PLACER, 1982; REIS, 1993; SALLES, 1995;), parte, baseados na fonte intitulada “Notícias da fundação deste Convento de Nossa Senhora das Mercês desta Cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará a honde se incluye o descobrimento do rio das Amazonas, e outras

notícias mais das fundações das aldeias do Rio Negro pelos primeiros Religiosos da Congregação. Extraído tudo que se pode alcançar dos documentos que se achão no Archivo do dito Convento no anno de 1784”, documento pertencente à coleção das Viagens de Alexandre Rodrigues Ferreira, arquivada na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; outros baseiam-se na coleção de fontes MSS 18.764 da Biblioteca Nacional de España – BNE (documentos os quais fiz cópia quando estive na Espanha em 2015). Ressalta-se que alguns deles tratam do fechamento do convento, capítulos, práticas religiosas (inclusive musicais), comportamentos sociais, questões econômicas, escravidão, etc. sempre remetendo às coleções de fontes citadas acima, enriquecendo com outras fontes que não são de origem exclusivamente mercedária. Ocorre que: tais fontes de origem mercedária foram somente **parcialmente** transcritas em alguns destes artigos, e ainda podem revelar muitas informações novas sobre este tópico; CASTRO revela que “na mesma Biblioteca Nacional, referente à Ordem de N. Sra. das Mercês existe outra” coleção de manuscritos, de 43 páginas (1968, p. 22); REIS, ao citar que os mercedários possuíam biblioteca de “centenas de volumes” no convento, sem contar “a particular, dos religiosos”, passadas ao domínio do Estado, indica que no “códice S/N da B. A. do Pará consta a relação completa do que continham essas bibliotecas dos Mercedários”(1993, p.75); e finalmente, em quarto lugar, Gaby (2019) menciona a coleção de documentos MSS 18.711/1 da BNE (com 13 grupos de documentos referentes aos mercedários do Pará e Maranhão) ainda quase que completamente desconhecida (somente uma das centenas de cartas presentes na coleção, datada de 18 de março de 1778 e assinada pelo frei João da Veiga, está parcialmente transcrita e comentada em no mesmo artigo.

2.2. História musical dos mercedários na Amazônia

O foco dos escritos de BETTENDORF (1990) era a Companhia de Jesus, mas ainda assim a musicalidade mercedária foi tão forte que se tornou inevitável citá-los em certos momentos de sua *Chronica*: cantando em missas solenes de pessoas importantes (p.27), na Salve-Rainha e ladainhas de terços instituídos pelo Pe. Antônio Vieira (p. 78), tendo suas músicas cantadas em procissões (p. 328), e assistindo o ofício das trevas da semana santa, cantando , “ao som do cravo, os misereres, no principio, e, no cabo das praticas, os seus motetes devotissimos, accomodados à Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo (p. 632)”. A tradição musical mercedária é demonstrável através da coleção MSS 18.764 (documento nº. 20) da BNE, que contém a “lista dos religiosos que tomaram ábito entre 1647 e 1677” A lista esclarece quais eram músicos, organistas e cantores (um total de 8, quase sempre ocupando cargos nos conventos). Esta lista, porém, é de meados do séc. XVII, e o

Rituale foi publicado em 1780, uma lacuna de um século na história musical mercedária na Amazônia, problema de pesquisa mencionado na introdução.

2.3. Biografia de João da Veiga

Como relatado na introdução, SALLES vasculhou bibliografia que tratasse de algum rastro sobre a vida do ilustre comendador dos mercedários de Belém, mas encontrou pouca coisa, apenas uma menção ao frei em carta de Filipe Patroni a Salvador Rodrigues do Couto. O documento confirmava que João da Veiga era paraense, descrevendo algumas de suas competências e qualidades. Investigando um pouco mais, constatamos que PLACER, ao debruçar-se sobre algumas cartas da coleção MSS 18.764, encontra duas delas assinadas pelo comissário geral dos mercedários do Pará e Maranhão que citam o frei: a carta de 10 de julho de 1795 discorre como fora um excelente professor de diversas disciplinas no seminário diocesano e o sugere como próximo comissário geral por possui todas as qualidades que o fazem ser respeitado pelos de dentro, e estimado pelos de fora (1982, p. 223); já em carta de 7 de junho de 1797, a menção ao nome de Veiga acontece quando o comissário relata os freis que não solicitaram a secularização e se trasladaram ao convento do Maranhão, depois de efetivada a expulsão deles dos conventos do Pará após a data da carta anterior; na mesma carta, confirma a morte do comendador de Belém em novembro de 1796. Mas, sobre este tópico investigativo, ainda resta o estudo da coleção MSS 18.711/1, principalmente o grupo de cartas assinadas por João da Veiga e às que se endereçavam a ele. Elas poderiam suscitar novas questões sobre a biografia e personalidade do autor do *Rituale*, ou poderíamos, inclusive, encontrar citações do volume e das motivações que o conduziram a compilá-lo. Gaby (2019) levanta a hipótese de uma “intenção reformista” do comendador:

Além de algumas breves e esparsas menções ao nome do frei comendador, é possível captar um pouco de seu comportamento, ideais, posturas, psicologia em requerimentos feitos por ele junto à Coroa portuguesa e cartas trocadas com seus superiores. A coleção MSS 18711/1 da Biblioteca Nacional de Espanha apresenta 14 grupos de cartas organizadas por autor, das quais 13 são correspondências de religiosos mercedários do Pará e Maranhão, onde as palavras mais recorrentes nos títulos dos documentos são reforma, casas e gobierno. Um dos grupos de cartas tem como autor o Frei João da Veiga (p. 53).

(...)

Mais adiante, o comendador explicitou que não estava suplicando a dispensa da “visitação ou da Reforma (grifo nosso)”, deixando claro que estimaria mais do que ninguém: “Não passando a Reforma (grifo nosso) de fazer observar a Lei a que nos obrigamos pela profissão, que dúvida pode haver de recebê-la?” (p. 56).

(...)

O frei comendador demonstrou ser uma pessoa de princípios, além de muito erudita. Recusou-se a lecionar no seminário ao ter sua ordem religiosa prejudicada, denunciou companheiros religiosos que vislumbravam somente cargos e poder, à revelia dos estudos, da virtude e do zelo pelo Convento. A solicitação de impressão do *rituale* ao Tribunal Censor Real³⁷ foi mais uma atitude de disciplina e respeito à Coroa, à Ordem e à Igreja. Obediente como demonstrou ser, era provável que tenha estendido a Reforma também à prática do cantochão (p. 57).

2.4. Casa tipográfica, autorização da mesa censora real e cópias

SALLES (1995, p. 5) afirma tratar-se de um volume “raríssimo, não se encontra mencionado nos catálogos e dicionários bio-bibliográficos conhecidos”. Corroborando com tal informação, ALBUQUERQUE (2006), em seu levantamento sobre publicações musicais em Portugal entre 1750 e 1834, não menciona a publicação do volume pelo livreiro Francisco Luís Ameno (p. 154). A única pista da publicação foi encontrada na Biblioteca da Torre do Tombo: o pedido de autorização de publicação para a Rainha, que menciona que o “Procurador do Convento de N. S. das Mercês da cidade do Pará tinha a intenção de imprimir o *Rituale* dividido em “dois corpos”. A *British Library*, por sua vez, possui em seu acervo outra cópia do documento, com a mesmo número de páginas mencionado por SALLES (p. 5).

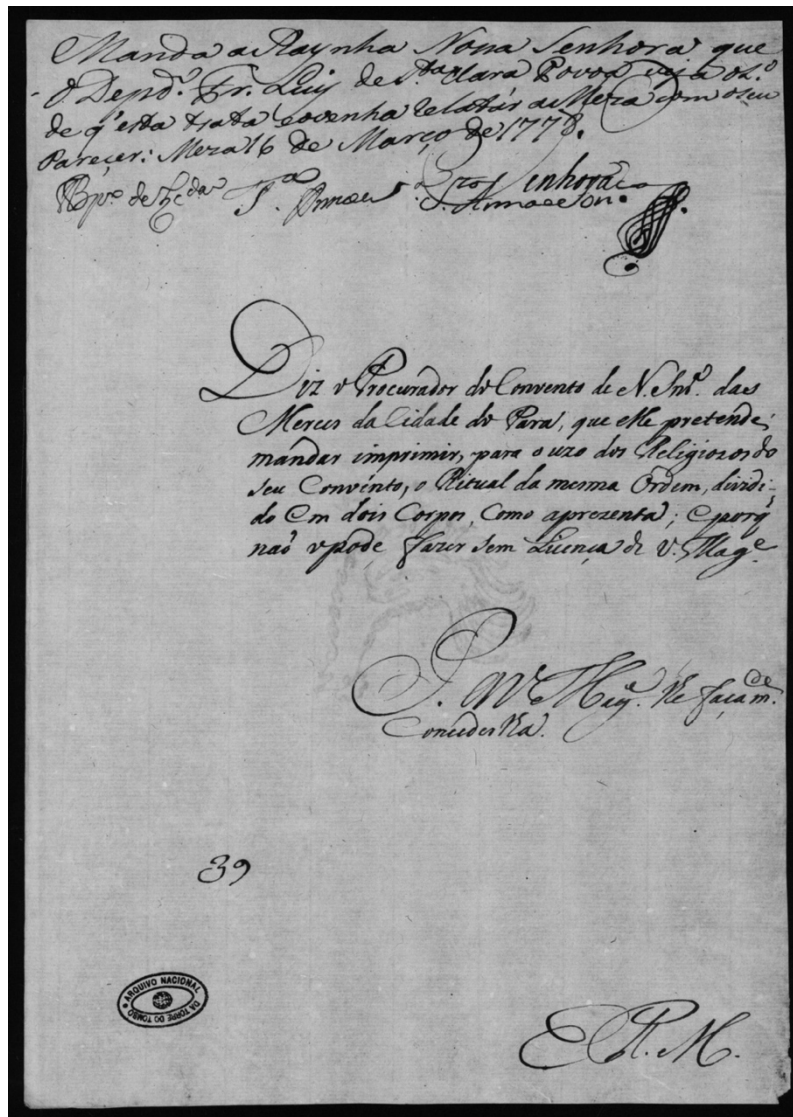


Fig.2: Requerimento de autorização de publicação do *Rituale*. Documento cedido pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Cota: Real Mesa Censória - Caixa 25 - Doc. 27

2.5. Análise musicológica do *Corpus*

Após a lamentável e prematura perda do musicólogo de confiança do Prof. Vicente Salles (SALLES, 1995, p. 9), ocorreu uma breve iniciativa de análise parcial do *Corpus* por parte do Prof. Milton Monte (Escola de Música da UFPA), em seu projeto de mestrado, que lamentavelmente não foi concluída. Meu projeto de pesquisa na universidade (desenvolvido entre abril de 2015 e abril de 2019) identificou basicamente três grupos de melodias: algumas claramente tridentinas; outras mercedárias, encontradas em livros publicados na Espanha; além de ter encontrado em um dos cânticos (VEIGA, p. 489-491) a também aparente participação criativa do compilador.

2.6. Análise litúrgica do *Corpus*

SALLES, relata o teor litúrgico do *Rituale* concentrando-se no aspecto musical:

Nele estão gravados nada menos que 83 documentos musicais ilustrativos do que se cantava nas principais festas realizadas no Grão-Pará pela Sagrada e Real Ordem Militar de N. S. das Mercês (...). Consta esse documentário basicamente de antifonas, hinos, lamentações, responsórios, litanias ou ladainhas, excluídas partes de missas, vésperas, completas e novenários (1995, p.5).

Porém, o que faltou SALLES explicitar melhor foi a diferença entre o *Rituale* mercedário para o *Rituale Romanum* (1615), que tinha por função basicamente fornecer as orações e orientações litúrgicas para uso do sacerdote ou diácono na administração dos sacramentos: batismo, crisma, confissão, eucaristia, matrimônio e extrema-unção. Algumas edições traziam também, como acréscimo, procissões, bênçãos diversas, de modo que o *Rituale* mercedário não continha exatamente o que deveria conter (talvez porque os frades ou não ministravam tais sacramentos, ou usavam o *Rituale Romanum*), priorizando celebrações típicas da sua prática litúrgica: procissões de festas da semana santa, de santos mercedários, liturgia das trevas, sacramento da comunhão e bênçãos diversas.

2.7. O segundo corpo do *Rituale*

Dia 21 de março do ano corrente encontrei o possível segundo volume da compilação de João da Veiga no acervo de obras raras da biblioteca do Convento dos Franciscanos, em São Paulo, atual faculdade de direito da USP. Diferentemente do primeiro volume, este foi intitulado *Manuale Sacrum*, é datado de 1783, não foi impresso em cores, não possui índice, e não traz na capa o nome do compilador João da Veiga. Porém a capa diz claramente que tal livro foi impresso para uso dos frades do Grão-Pará pela mesma casa tipográfica, com autorização da mesa censora real, em Lisboa. O livro está repleto de orações, rubricas e muitas partituras de cantochão, todos estes elementos de tipo litúrgico complementares ao que está presente no suposto primeiro corpo, e quase em absoluto dedica-

se à extrema-unção e a rituais referentes ao falecimento dos frades e fiéis: encomendação das almas, exéquias, sepultamento, missa para defuntos (*réquiem*, único repertório de missa presente em ambos corpos), ofício dos defuntos (vésperas, matutinos, laudes, noturnos) e estações e procissão dos defuntos.

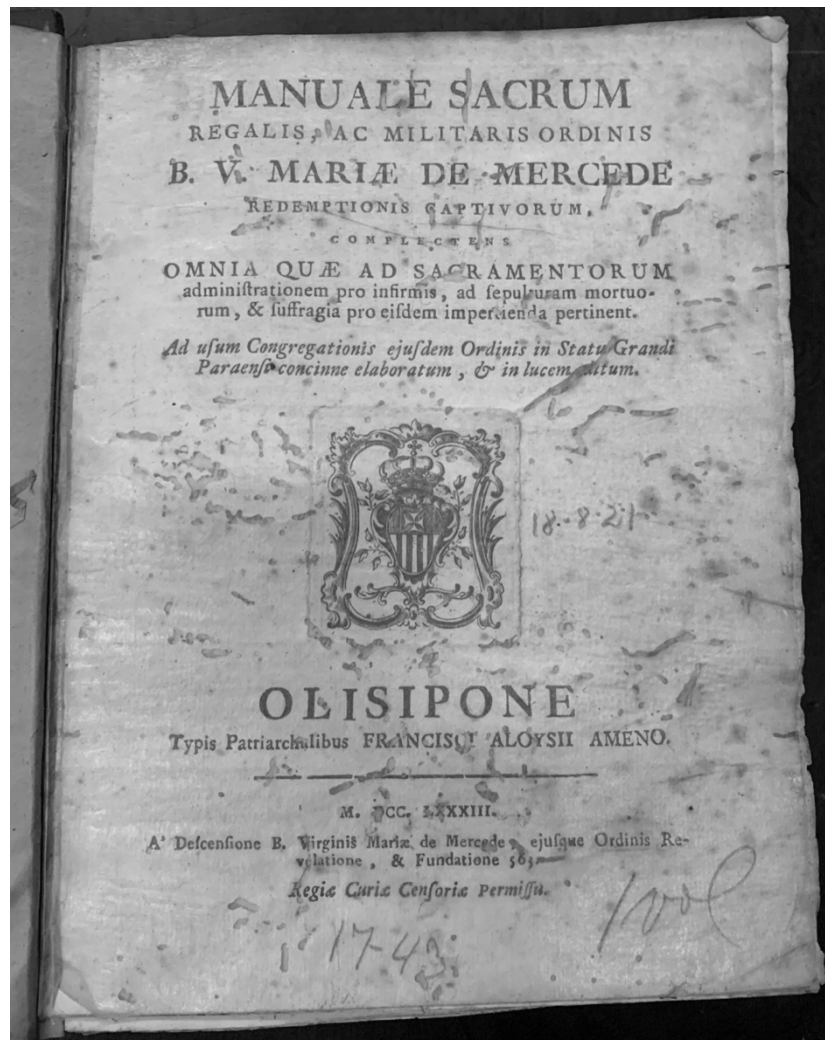


Fig.3: Segundo corpo do Ritual Mercedário do Pará – *Manuale Sacrum*, 1783. Biblioteca da Faculdade de Direito da USP – Convento dos Franciscanos, São Paulo – SP

3. Considerações parciais

Apesar de já se passarem quatro anos dedicados a esta pesquisa, ainda muito pouco foi produzido de concreto academicamente. Entre os diversos compromissos como docente, foi possível até o momento produzir somente um capítulo de livro (escrito em 2017 e prestes a ser publicado) que apresenta os documentos recolhidos, e esta comunicação em congresso, a primeira, onde foi feito um estado da arte sobre o assunto. Em contrapartida, a partir de 2019 passaremos a uma nova etapa, visto que o trabalho tornou-se tema de doutorado, com dedicação total ao assunto, prazos e exigências acadêmicas a serem

cumpridas. Neste sentido, espero aprofundar os problemas e objetivos aqui suscitados de modo que este trabalho resulte muito mais profundo e produtivo para o estudo da música colonial na Amazônia e no Brasil.

Referências:

ALBUQUERQUE, Maria João Durães. *A Edição Musical em Portugal (1750-1834)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

BARATA, Manoel. *Formação Histórica do Pará*. Universidade Federal do Pará. Coleção Amazônia – Série José Veríssimo, 1973.

BETTENDORF, João Filipe. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves e Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

CASTRO, Emílio Silva Castro. A Ordem das Mercês no Brasil. In: *Mercedários no Brasil Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1968, p. 15-37.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. Frei Theodósio da Veiga e José Lopes Espínola; missionários do Rio Urubu (Amazônia – séc. XVII). In: *Revista Eletrônica de História do Brasil*, Juiz de Fora: UFJF, v. 2, n. 1, jan./jun. 1998. p. 05-19.

FERRAZ, Eugênio. *Convento dos Mercedários de Belém do Pará – breve histórico e registro de sua recuperação*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2000.

GABY, André Alves. Documentos para a história da prática musical dos mercedários do Convento da Natalidade do Grão-Pará . In: BARROS, Liliam; SEVERIANO, Rafael (org.). *Arqueologia Musical Amazônica*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2019 (no prelo).

PLACER, Gumercindo. Notas históricas de la Congregación de la Merced del Marañon (Brasil). In: *Analecta Mercedaria*, v.1, p. 179-237, 1982.

REIS, Arthur César Ferreira. *A política de Portugal no Valle Amazônico – Lendo o Pará*, Vol. 16. Belém: Secult, 1993.

SALLES, Vicente. *Música Sacra em Belém do Grão-Pará no Século XVIII – O cantochão dos mercedários compilado por Frei João da Veiga*. Brasília, 1995.

SILVA CASTRO, Emílio. A Ordem das Mercês no Brasil (1639-1965). *Mercedários no Brasil ontem e hoje*, Rio de Janeiro, 1968, p. 15-37.

VEIGA, Fr. João. *Rituale Sacris, Regalis, AC Militaris Ordinis B. V. Mariae Mercede Redemptionis Captivorum ad usum Fratrum Ejusdem Ordinis Congregatione Magni Paraensi commorantium jussu R. P. Praedicatoris Fr. Joannis da Veiga in Civitate Paraensi ejusdem Ordinis Commendatoris elaboratum & lucem editum*. Lisboa: Casa Patriarcal Francisco Aloysio Ameno, 1780.